

PROJETO DE LEI Nº , DE 2024
(Da Sra. Deputada Federal LAURA CARNEIRO)

Dispõe sobre princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a efetivação do direito de crianças e adolescentes à Natureza com absoluta prioridade e altera a Lei nº 6.938, de 31 de agosto 1981; a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); a Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 (Estatuto da Cidade), e a Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009.

O Congresso Nacional decreta:

Capítulo I

Disposições Gerais

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas para a efetivação do direito de crianças e adolescentes à Natureza com absoluta prioridade.

Art. 2º Crianças e adolescentes têm direito à Natureza, a ser efetivado absoluta prioridade, obedecidos os princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas e demais instrumentos para a efetivação do direito de crianças e adolescentes à Natureza.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, o direito de crianças e adolescentes à Natureza compreende:

I – o acesso a áreas naturais saudáveis e ecologicamente equilibradas;

II – o exercício da convivência familiar e comunitária, da expressão de identidades e atividades culturais e ao estabelecimento de vínculos socioafetivos com a Natureza;



III – o brincar livre com e na Natureza;

IV – a educação baseada na Natureza;

V – a defesa, conservação e regeneração da Natureza e à garantia de seus benefícios para as presentes e futuras gerações por parte da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, da sociedade, das comunidades, das famílias e de crianças e adolescentes.

§ 2º A garantia da absoluta prioridade do direito de crianças e adolescentes à Natureza refere-se à consideração primordial dos seus direitos e melhor interesse na tomada de decisões de agentes públicos e privados, especialmente em ações, atividades, políticas, planos, programas e serviços com impactos socioambientais, compreendendo dentre outras:

I – a primazia de receber proteção e socorro em situações de riscos e danos socioambientais e climáticos;

II – a precedência de acesso a áreas naturais ecologicamente equilibradas e saudáveis;

III – a preferência na formulação e na execução das políticas públicas socioambientais, climáticas e de sociobiodiversidade;

IV – a destinação privilegiada de recursos públicos, benefícios ambientais e reparação em caso de violação de seus direitos;

V – a proteção prioritária de crianças e adolescentes defensores socioambientais e suas famílias, em especial de povos e comunidades tradicionais;

VI – a atenção prioritária em programas de responsabilidade social e de gestão da sustentabilidade corporativa que garantam a devida diligência em seus direitos, incorporando todos os aspectos da atividade empresarial, incluindo a proteção integral contra os efeitos e riscos socioambientais do negócio;

VII – a inclusão privilegiada nas metas, diagnósticos e relatórios de sustentabilidade corporativa para avaliação de impacto socioambiental sobre os direitos de crianças, adolescentes e suas famílias.



§ 3º Terão prioridade na efetivação dos direitos e garantias a que se refere este artigo as crianças na primeira infância, as crianças e adolescentes com deficiência, assim como aquelas em risco ou vulnerabilidade social.

Art. 3º Na aplicação desta Lei devem-se observar os seguintes princípios:

I – escuta, participação e protagonismo: garantia de participação de crianças e adolescentes, em separado ou na companhia dos responsáveis legais ou de pessoa por si indicada, na proposição, formulação, discussão e monitoramento de políticas públicas de âmbito federal, estadual, distrital e municipal, para a promoção, defesa e controle de seus direitos, inclusive como protagonistas nas ações socioambientais;

II – prevenção: obrigação de mensurar, monitorar, mitigar e dar transparência aos riscos e danos socioambientais e climáticos, e de adotar medidas preventivas aos impactos negativos sobre o direito de crianças e adolescentes à Natureza em decorrência de tais riscos e danos;

III – precaução: adoção de medidas para evitar a ocorrência de danos socioambientais e climáticos que ameacem os direitos de crianças e adolescentes;

IV – proteção das futuras gerações: proteção às futuras gerações de danos previsíveis causados pelas ações ou omissões atuais, de forma a garantir a equidade e justiça intergeracional;

V – responsabilidades comuns e diferenciadas: proteção do direito de crianças e adolescentes à Natureza como dever compartilhado entre o Estado, sociedade civil, empresas, comunidades e famílias, considerando as suas diferentes capacidades e históricos de contribuição para danos ou soluções socioambientais e climáticos;

VI – soluções baseadas na Natureza: as ações para enfrentar desafios socioambientais, como o clima, redução de riscos de desastres, segurança alimentar e hídrica, perda da biodiversidade e saúde pública, deve se dar por meio da proteção, gestão sustentável e restauração de ecossistemas, beneficiando a biodiversidade e o bem-estar humano;



VII – não discriminação: aplicando-se o direito à Natureza a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social e cultural, região e local de moradia ou outra qualquer condição que diferencie as pessoas, as famílias ou as comunidades em que vivem, prevenindo-se toda forma de racismo ambiental nas políticas de planejamento urbano e prestação de políticas públicas socioambientais, como saneamento, prevenção de riscos, moradia adequada e acesso a áreas verdes;

VIII – valorização aos saberes tradicionais: reconhecimento e valorização dos conhecimentos ancestrais, seus territórios, práticas culturais e sistemas de conhecimento dos povos e comunidades tradicionais, assegurando o respeito à autonomia cultural dessas comunidades, promovendo sua participação efetiva e consulta livre, prévia e informada em decisões que as afetam, em especial de crianças e adolescentes;

IX – interdependência: exigência de uma abordagem de respeito, cooperação e coexistência sustentável, reconhecendo-se que todas as formas de vida compartilham um destino comum e que as ações humanas têm impactos diretos sobre o meio ambiente e suas espécies;

X - regeneração: as atividades humanas devem não apenas minimizar o dano ao meio ambiente, mas ativamente contribuir para a recuperação e revitalização dos ecossistemas naturais;

Parágrafo único. Os princípios descritos neste artigo aplicam-se às atividades do setor público e de entes privados.

Art. 4º O pleno atendimento do direito de crianças e adolescentes à Natureza constitui objetivo comum de todos os entes da Federação, segundo as respectivas competências constitucionais e legais, a ser alcançado em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

Parágrafo único. A União deve buscar a adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios à abordagem intersetorial na garantia dos direitos de crianças e adolescentes à Natureza e oferecerá assistência técnica



na elaboração de políticas, planos de adaptação climática e ações estaduais, distrital e municipais referentes ao objeto desta Lei.

Capítulo II

Do acesso à Natureza

Art. 5º Todas as crianças e adolescentes têm o direito de acessar, permanecer e usufruir de áreas naturais saudáveis e ecologicamente equilibradas, incluindo áreas verdes e azuis urbanas próximas do seu convívio familiar, escolar e comunitário.

Parágrafo único. Consideram-se áreas verdes e azuis urbanas o conjunto de áreas urbanas e periurbanas que desempenham função ecológica, paisagística e recreativa e que possuem vegetação natural ou plantada, como espaços livres, parques urbanos, parques lineares, corredores ecológicos e ecossistemas aquáticos, proporcionando melhoria na saúde e na qualidade de vida da população.

Art. 6º As políticas, planos e ações governamentais vinculadas ao direito de crianças e adolescentes à Natureza devem garantir-lhes a oferta e o acesso regular a áreas naturais e articularão as áreas de planejamento urbano, saúde, nutrição e alimentação, educação, segurança pública, mobilidade, assistência social, cultura, lazer, trabalho, habitação, meio ambiente e direitos humanos, entre outras, com o objetivo de assegurar o acesso equitativo e seguro às áreas protegidas e conservadas e às áreas verdes e azuis urbanas ou similares.

Parágrafo único. Deve ser garantida a prioridade de acesso e acessibilidade para crianças na primeira infância, crianças e adolescentes com deficiência e em situação de risco e vulnerabilidade socioeconômica.

Art. 7º Os sistemas e os planos municipais de áreas protegidas e áreas verdes e azuis devem priorizar o acesso de todas as crianças e adolescentes a uma área natural a uma curta distância caminhável de suas moradias.



Art. 8º Os municípios devem garantir a consideração específica dos direitos e melhor interesse de crianças e adolescentes no Plano Diretor Municipal e demais políticas e ações de planejamento urbano e ordenamento territorial, instituindo instâncias de participação de crianças e adolescentes na sua elaboração e gestão, ampliando a oferta de praças, parques e espaços públicos mais lúdicos, incentivando o livre brincar em contato com a Natureza.

Parágrafo único. Os Planos Diretores Municipais devem, dentre outros, prever:

I – condições para a ocupação da cidade por crianças e adolescentes, com segurança, acessibilidade e autonomia;

II – a implementação de um programa de qualificação técnica dos servidores públicos, para sensibilizá-los em relação às necessidades de crianças e adolescentes na cidade e no uso dos espaços públicos;

III – a instalação de equipamentos para brincar, em especial naturalizados, nas áreas e equipamentos de uso público, como parques, bibliotecas, praças e calçadas;

IV – o incentivo à criação de áreas privadas de uso de público com equipamentos para o brincar e áreas verdes para as infâncias e adolescências;

V – a realização de pesquisas para identificar onde ocorre o maior número de deslocamentos a pé e por bicicleta de crianças e adolescentes, priorizando melhorias nesses pontos relacionados à sua segurança e permanência;

VI – a criação de rotas seguras, espaços lúdicos e qualificação urbanística que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos onde haja circulação de crianças e adolescentes, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades;

VII – a qualificação urbanística no entorno das escolas públicas municipais e nos trajetos escolares, com a criação de caminhos mais lúdicos, acessíveis e seguros, que favoreçam a mobilidade ativa de crianças e



adolescentes, o desenvolvimento de habilidades físicas, sociais e seu contato com a Natureza;

VIII – a ampliação da oferta de praças, parques e espaços públicos mais lúdicos, que incentivem o livre brincar em contato com a Natureza;

IX – a criação de sistemas de alerta e rotas de fuga de fácil compreensão para crianças e adolescentes, que devem ser utilizadas na ocorrência de eventos climáticos extremos.

Art. 9º Os órgãos e entidades executivas de trânsito dos municípios devem priorizar ações que visem a mobilidade ativa de crianças e adolescentes, com acessibilidade, segurança, conforto e foco na escala de bairro, favorecendo seu acesso a equipamentos públicos e privados.

Art. 10. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, as famílias e a sociedade devem instituir e estimular a criação de espaços de brincar naturalizados que propiciem a convivência familiar e comunitária, o bem-estar, o brincar livre e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças e adolescentes, com a presença de elementos naturais e culturais dos territórios.

Art. 11. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem promover a criação de programas que incentivem a visita de crianças e adolescentes, famílias e escolas, às áreas protegidas, unidades de conservação, áreas verdes e azuis urbanas ou similares, inclusive mediante a isenção de pagamento, priorizando o acesso e a permanência, bem como a diversidade e a qualidade das experiências.

Art. 12. As redes de saúde, em todos os níveis, os programas e políticas públicas e os profissionais das unidades primárias de saúde devem ser estimuladas a adotar ações sistemáticas, individuais ou coletivas, visando o planejamento, a implementação e a avaliação de ações que promovam o acesso de crianças, adolescentes e suas famílias à Natureza.

Capítulo III



Convivência familiar e comunitária, cultura e vínculo socioafetivo com a Natureza

Art. 13. Todas as crianças e adolescentes possuem o direito à convivência comunitária e ao estabelecimento de vínculos socioafetivos com a Natureza de forma harmônica e interdependente, conectando-se e reconhecendo-se como Natureza e usufruir de seus benefícios e bem-estar físicos, emocionais, mentais, espirituais e sociais.

Art. 14. As culturas e modos de vida de crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais e rurais, devem receber proteção prioritária em relação aos riscos e danos socioambientais e climáticos que ameacem suas vidas, territórios, culturas e memórias.

Parágrafo único. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem promover campanhas de divulgação da história, arqueologia e cosmovisões indígenas para todas as crianças e adolescentes.

Art. 15. Todas as crianças e adolescentes possuem o direito ao brincar livre com e na Natureza, gerando a harmonia e interdependência com esses espaços e tempo significativo de contato com a Natureza.

Art. 16. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem:

I – promover programas e ações que previnam o uso excessivo de telas e o desenvolvimento de hábitos consumistas, por meio do incentivo ao convívio comunitário, ocupação dos espaços públicos naturais, entre outras medidas;

II – incentivar a criação ou apoiar a ação de grupos autônomos de crianças, adolescentes e famílias em suas comunidades para defesa, conservação e regeneração da Natureza e convivência em seu território, garantindo representatividade em fóruns de debate e decisão de políticas públicas socioambientais.

III – observar, no âmbito de suas políticas públicas, a parentalidade positiva e o direito ao brincar livre e em contato com a Natureza.



Capítulo IV

Da educação baseada na Natureza

Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem estimular a efetivação de medidas com vistas à adoção da educação baseada na natureza na rede de ensino, como componente essencial e permanente da educação básica nacional, de forma articulada e intersetorial, em todos os níveis e modalidades de ensino, em caráter formal e não-formal e na forma de conteúdo transversal.

§ 1º Entende-se por educação baseada na Natureza a convergência de ações de adaptação e mitigação climática, restauração da biodiversidade, redução da poluição e estratégias de educação que fomentem o acesso e o vínculo à Natureza no ambiente escolar e seu entorno, a valorização da interdependência de todas as formas de vida e o desenvolvimento de habilidades e competências sobre o enfrentamento da crise climática.

§ 2º A educação baseada na Natureza compreende um ecossistema inclusivo e integrador entre educação ambiental, educação antirracista, educação para a sustentabilidade, educação climática, educação integral, educação ao ar livre e desemparedamento da infância e da adolescência.

Art. 18. A educação baseada na Natureza deve, dentre outras, promover ações, projetos e programas nas seguintes dimensões:

I – currículo, projeto político pedagógico, processos formativos da comunidade escolar e protagonismo estudantil que considerem a aprendizagem ao ar livre, o brincar com e na Natureza, a educação climática e para a sustentabilidade em suas diversas escalas;

II – infraestrutura escolar que contribua para a adaptação climática e resiliência urbana a partir de soluções baseadas na Natureza e favorecimento do contato de estudantes com a Natureza;



III – requalificação do entorno escolar para ampliar as áreas naturais acessíveis aos estudantes, garantir segurança viária e mitigar os danos ambientais;

IV – inclusão das escolas como instituições prioritárias no recebimento das soluções de políticas de adaptação e mitigação climática, dos planos de ação de redução de riscos e respostas a desastres, e de outras políticas urbanas.

Art. 19. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem garantir uma educação integral que promova competências e habilidades para o exercício de uma cidadania ambiental plena, em alinhamento com as diretrizes curriculares nacionais de Educação Ambiental, resultante de experiências afetivas e socioemocionais, de brincadeira, aprendizagem ao ar livre, de protagonismo e de cuidado com a Natureza, capacitando os estudantes e comunidade escolar a enfrentar progressivamente os desafios socioambientais contemporâneos, com especial ênfase na crise climática.

Parágrafo único. A integração da Natureza de forma transversal no currículo é um elemento fundamental do projeto político pedagógico de cada escola e pode compreender, dentre outros:

I – a revisão de rotinas escolares para ampliação do tempo de estudantes em áreas ao ar livre;

II – a aprendizagem ao ar livre como uma oportunidade de aprender com e na Natureza, tanto nos espaços abertos da escola quanto no território;

III – o acesso diário à Natureza como forma de promover o brincar livre e a valorização dos saberes de matriz indígena, africana e afro-brasileiras e das culturas das múltiplas infâncias e adolescências;

IV – uma abordagem multidisciplinar no desenvolvimento de diferentes habilidades e aprendizagem de conteúdos a partir da experiência com e na Natureza;



V – o treinamento e criação de protocolos de gestão de riscos e desastres naturais e climáticos como ferramenta pedagógica para estudantes e a comunidade escolar, estimular protagonismo por crianças e adolescentes na ação climática e tornar os espaços escolares resilientes à crise climática;

VI - a promoção da educação da cultura da sustentabilidade que envolve práticas de consumo e de técnicas de produção ecologicamente sustentáveis;

VII - o protagonismo progressivo do estudante no engajamento frente às atuais crises socioambientais, em especial a climática.

Art. 20. A infraestrutura escolar prevista no inciso II do art. 18, será definida em regulamento, devendo abranger a readequação dos prédios e naturalização dos seus espaços internos e externos para a criação de espaços educadores sustentáveis e de ações de adaptação e mitigação climática a partir de soluções baseadas na Natureza, especialmente quanto:

I - à valorização da vegetação local existente e a restauração dos espaços abertos, tendo como referência os ecossistemas originais, de forma que essas áreas possam compor o sistema de áreas verdes da cidade, priorizando o uso de espécies nativas do território, que aumentem a biodiversidade, o sombreamento, o conforto térmico, a variedade de floração e frutificação, fomento ao plantio e criação de hortas e jardins com os estudantes, e priorizando estratégias de plantio e manejo baseadas em conhecimentos de povos e comunidades tradicionais;

II – ao manejo integrado das águas a partir de técnicas como jardins de chuva, canteiros pluviais, biovaletas e captação de água de chuva, que servem tanto como espaços de brincar, aprender e se refrescar, como estratégia de gestão dos recursos hídricos, auxiliando no controle de enchentes, na recarga de aquíferos, na melhoria da qualidade da água por meio da filtração natural e regulação da temperatura urbana, além do tratamento do esgoto sanitário;

III – à priorização do uso de superfícies naturais que absorvem água e diminuem o calor, como a terra ou a grama, entre outras soluções que fomentem a permeabilidade do solo e o conforto térmico;



IV – à criação de áreas de sombra por meio de arborização ou construções sustentáveis de elementos naturais, como bambus e madeiras da região, para promover o conforto térmico do microclima da escola e seu entorno, favorecendo o uso de espaços abertos;

V – à oferta de brinquedos e mobiliários desenvolvidos a partir de elementos naturais, aproveitando materiais de poda e promovendo a sustentabilidade ambiental dos materiais utilizados e sua manutenção constante;

VI – à criação de pátios escolares naturalizados, promovendo ambientes para brincar, aprender, pesquisar, conviver, descansar e contemplar a Natureza;

VII – à naturalização do espaço escolar e a sua integração ao currículo e práticas, priorizando a implantação de soluções baseadas na Natureza de forma participativa e com protagonismo de crianças e adolescentes.

IX – à eficiência energética, compreendendo sombreamento, ventilação, refrigeração e iluminação natural e uso de energias renováveis;

X – à gestão sustentável de resíduos por meio de medidas de compostagem, eliminação de plástico de uso único, redução de embalagens e coleta seletiva;

XI – ao conforto ambiental, compreendendo iluminação natural, ventilação natural, conforto térmico e qualidade acústica;

XII – à acessibilidade, garantindo a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços escolares, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações, de uso por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 21. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem garantir, por meio da colaboração entre escola, família e Estado, a promoção da requalificação do entorno escolar, como praças, parques



naturalizados, jardins, projetos de revitalização de áreas degradadas, arborização do bairro, hortas comunitárias, sinalização e acalmamento do trânsito, medidas de redução de poluentes.

Parágrafo único. O entorno da escola e a cidade constituem um território educativo e devem ser planejados de maneira amigável às crianças e adolescentes e integrados à Natureza, a fim de expandir as oportunidades de brincar, aprender e conviver em comunidade, e compreende:

I – o território educativo como agentes, espaços, dinâmicas e saberes de um lugar que tornam-se educativo a partir do reconhecimento de suas potencialidades e de suas intencionalidades pedagógicas e relações com o currículo da escola;

II – a ampliação da segurança viária e redução da emissão de poluentes no entorno de escolas por meio de medidas de acalmamento do trânsito, restrição de veículos poluentes e estímulo a meios de transporte coletivos e de propulsão humana;

III – a criação de rotas seguras nos caminhos entre o domicílio e a escola para estímulo da mobilidade ativa no sistema de transporte escolar;

IV – a integração da escola com parques naturalizados, praças e áreas verdes urbanas próximas que ampliam o acesso à Natureza, bem como as oportunidades de brincar, socializar e aprender, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes e de toda a comunidade escolar;

V – a integração das escolas e seus territórios educativos nos planos de adaptação climática e outras políticas urbanas como central para a resiliência das cidades aos efeitos climáticos;

VI – a formulação de planos de ação de resposta a desastres climáticos que contemplem a preparação dos espaços escolares para acolhimento de famílias e populações prejudicadas e medidas para garantia da continuidade das aulas presenciais aos estudantes.

Art. 22. A sustentabilidade e interdependência das relações entre humanos e Natureza são princípios orientadores da educação baseada



na Natureza que permeiam todos os valores, práticas e esferas da vida e compreende:

I – a promoção de uma educação para a cultura da sustentabilidade, de modo a gerar reflexão sobre a pressão consumista e a exposição precoce à comunicação mercadológica, que estimulam práticas e comportamentos não sustentáveis;

II – a valorização da Natureza como sujeito, baseada em uma relação de interdependência com as crianças e adolescentes, e no seu papel como fonte de aprendizagem e construção do cuidado consigo mesmo, com os outros seres vivos e com o planeta;

III – a valorização das práticas agrícolas de comunidades rurais e tradicionais e de práticas regenerativas, livres do plantio de transgênicos e agrotóxicos, como produtora de alimento saudável;

IV – a alimentação escolar local orgânica, *in natura*, minimamente processada e oriunda da agricultura familiar;

V – a valorização dos saberes, modos de vidas e territórios dos povos e comunidades tradicionais e rurais, como essenciais à conservação da biodiversidade, relacionados ao respeito à Natureza e todos os seus seres vivos;

VI – as políticas para a efetivação da educação baseada na Natureza articuladas com programas de formação inicial e continuada de profissionais e da comunidade escolar.

Art. 23. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem adotar um conjunto de medidas direcionadas ao planejamento e execução de políticas educacionais baseadas na Natureza para que as instituições de ensino promovam o convívio diário com a Natureza como oportunidade de aprendizagem, desenvolvimento integral e saúde física e mental.

Capítulo V

Do dever de defesa, conservação e regeneração da Natureza



Art. 24. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem:

I – junto com a sociedade e as famílias, inclusive as crianças e adolescentes, defender e conservar a Natureza de modo a assegurar a regeneração da biodiversidade e dos sistemas naturais e climáticos;

II – conservar e promover o acesso aos biomas brasileiros e aos ecossistemas naturais, incluindo processos de aprendizagem, para a garantia do direito de crianças e adolescentes à Natureza;

III – assegurar às crianças e adolescentes o direito de expressar suas opiniões livremente a respeito dos planos, programas, políticas e metas referentes às mudanças climáticas, considerando suas ideias e sugestões.

IV – garantir e priorizar a participação das crianças e adolescentes afetadas diretamente pelos riscos socioambientais e climáticos nos espaços de discussão a que se refere o inciso III deste artigo;

V – priorizar a garantia dos direitos de crianças e adolescentes na elaboração dos planos de mitigação e adaptação, em especial aqueles em situação de risco e vulnerabilidade socioambiental e climática, incluindo o fortalecimento de seus sistemas de proteção, alerta e segurança social, infraestrutura escolar, hídrica e de saúde, em especial em áreas de risco, e na garantia de assistência humanitária, acesso à água, saneamento básico e serviços e espaços públicos.

VI – assegurar a alocação de recursos financeiros e administrativos necessários para implementação de protocolos, políticas, planos e ações que atuem na prevenção e na redução de riscos de desastres, bem como na remediação de perdas e danos, que priorizem crianças e adolescentes no escopo das medidas adotadas;

VII – garantir a proteção, defesa e consulta prévia, livre e informada, com consentimento de crianças e adolescentes, especialmente aquelas oriundas de povos e comunidades tradicionais, afetados por obras, empreendimentos ou serviços de grande vulto, nas fases de planejamento,



implantação, operacionalização e desmobilização, avaliando os impactos materiais e imateriais, de forma intersetorial, em seus direitos;

VIII – priorizar em suas estratégias relacionadas ao controle do uso e descarte de mercúrio no país e também de combate ao garimpo ilegal, medidas de prevenção à exposição ao mercúrio de populações vulneráveis, como crianças, adolescentes, mulheres em idade reprodutiva e gestantes;

IX – fornecer às famílias e comunidades ferramentas acessíveis para o tratamento da água contra mercúrio e outros metais pesados em áreas de grande prevalência de população contaminada.

Parágrafo único. Na hipótese do inciso VII deste artigo, deve ser realizada audiência pública específica com as crianças e os adolescentes da área impactada por obra, empreendimento ou serviço de grande vulto, por meio de metodologias e linguagens adequadas, com o objetivo de discutir a identificação dos impactos e as medidas preventivas e compensatórias a serem adotadas.

Art. 25. Todas as crianças e adolescentes sob o contexto de deslocamentos provocados pelas mudanças climáticas possuem o direito de permanecerem aos cuidados de suas famílias ou responsáveis legais, participarem das tomadas de decisões sobre a mudança ou permanência e serem protegidas durante todas as etapas de deslocamento de abusos físicos e emocionais, tráfico, exploração e discriminação.

Art. 26. Os Estados e Municípios devem priorizar em seus planos de ação a episódios críticos de poluentes atmosféricos, medidas de mitigação e adaptação a esses poluentes em torno de serviços e equipamentos públicos para crianças e adolescentes, como escolas, creches, parques e unidades de saúde.

Art. 27. A União deve, através de fundos nacionais e internacionais, priorizar o financiamento de projetos e promover editais que visem a garantia do direito de crianças e adolescentes à Natureza, bem como adotar a dimensão desse direito aos seus subprogramas.



Capítulo VI

Papel do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente

Art. 28. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem atuar de forma articulada e intersetorial, junto ao Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, na elaboração de políticas públicas e na execução de ações destinadas à garantia, proteção e promoção com absoluta prioridade do direito de crianças e adolescentes à Natureza, tendo como principais ações:

I - a criação de protocolo e fluxos de atendimento prioritário para atuação em contexto de desastres, emergência climática e violações ao direito das crianças e dos adolescentes à Natureza;

II - a formação inicial e continuada dos profissionais do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente sobre o direito de crianças e adolescentes à Natureza;

III - a inserção de medidas específicas para promover e garantir o direito de crianças e adolescentes à Natureza nos planos setoriais e intersetoriais, inclusive no Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes;

IV - a promoção de campanhas educativas permanentes para a divulgação do direito de crianças e adolescentes à Natureza, bem como dos serviços de proteção e do protocolo de atendimento prioritário em contextos de desastres, emergências climáticas e violações ao direito de crianças e adolescentes à Natureza, transmitidas em linguagem simples, acessível e de fácil compreensão para crianças e adolescentes;

V - o apoio e o incentivo às práticas de justiça restaurativa que envolvam violência contra crianças e adolescentes, incluindo a proteção àquelas que atuam como defensoras ambientais;

VI - o monitoramento, em caso de obra, empreendimento ou serviço de grande vulto, de possíveis impactos aos direitos de crianças e adolescentes na área, especialmente em relação à convivência familiar e comunitária, bem como nas áreas de saúde, educação, assistência social,



trabalho, segurança pública, lazer, esporte, cultura, meio ambiente, transporte e mobilidade;

VII - a promoção de compromissos pelo setor privado para o enfrentamento de práticas nocivas ao direito de crianças e adolescentes à Natureza;

VIII - a promoção de estudos diagnósticos periódicos, pesquisas e outras informações relevantes sobre riscos e impactos de desastres, emergência climática e violações ao direito da criança e do adolescente à Natureza;

IX - o aprimoramento da coleta, organização e sistematização de dados de crianças e adolescentes em casos de ameaças ou violações ao seu direito à Natureza.

Art. 29. São diretrizes para elaboração de políticas públicas, ações e protocolos destinados à garantia, proteção e promoção com absoluta prioridade do direito de crianças e adolescentes à Natureza:

I - a melhoria das condições de vida e a redução das desigualdades baseadas em razões de classe social, gênero, raça, etnia, orientação sexual, deficiência e localidade geográfica, sobretudo em territórios de povos e comunidades tradicionais;

II – articulação intersetorial e integração com os órgãos do Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Conselhos Tutelares, Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e com as entidades não governamentais que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes;

III - participação social, garantindo-se a participação ampla e diversa de crianças e adolescentes, bem como de lideranças, organizações, comunidades e famílias nos espaços de planejamento e tomada de decisão; e

IV - prioridade às famílias com crianças e adolescentes com deficiência e em situação de vulnerabilidade socioeconômica no atendimento e políticas públicas, ações e protocolos a que se refere o *caput*.



Art. 30. É assegurado o acesso à justiça de todas as crianças ou adolescentes, na forma das normas processuais, através de qualquer dos órgãos do Poder Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública.

§ 1º Nos casos de violação do direito de crianças e adolescentes à Natureza será prestada assessoria jurídica e assistência judiciária gratuita a todas as crianças, adolescentes e suas famílias, que necessitarem, por meio de defensores públicos, na forma da lei;

§ 2º A obstrução em qualquer nível ao acesso à Defensoria Pública ensejará sanções judiciais e administrativas cabíveis, a serem aplicadas quando da constatação dessa situação de violação de direitos humanos.

Art. 31. Crianças e adolescentes têm legitimidade para a propositura de ação popular que vise a anular ato lesivo ao meio ambiente, não lhes aplicando o disposto no § 3º do art. 1º da Lei nº 4.717, de 29 de junho de 1965.

Parágrafo único. No caso de demanda manifestamente temerária, respondem os pais ou o responsável legal pelas custas de que trata o art. 13 da Lei nº 4.717, de 29 de junho de 1965.

Art. 32. Os órgãos responsáveis pela organização judiciária podem criar núcleos ou coordenações especializadas com vistas a garantir o direito da criança e do adolescente à Natureza, a fim de fortalecer as capacidades institucionais dos atores do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente.

Art. 33. Os órgãos do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente devem promover a inserção nas equipes técnicas de profissionais com formação e conhecimento sobre tradições e costumes dos povos e comunidades tradicionais, preferencialmente de profissionais oriundos dos mesmos, bem como deverão desenvolver protocolos específicos para o atendimento desse público em seus serviços.

Art. 34. O tratamento de denúncias de violação do direito de crianças e adolescentes à Natureza deve compor fluxo de encaminhamento à Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (Disque 100), aos órgãos do Sistema



de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescentes, em especial aos Conselhos Tutelares, ao Ministério Público, e às autoridades policiais, preferencialmente delegacias especializadas na proteção dos direitos de crianças e adolescentes.

Capítulo VII

Da Política Nacional Integrada do Direito de Crianças e Adolescentes à Natureza

Art. 35. A Política Nacional Integrada do direito de crianças e adolescentes à Natureza deve ser formulada e implementada a partir da criação de um espaço intersetorial, definido na forma do regulamento, com atribuição de formular as ações e propostas e acompanhar seu andamento e considerará os seguintes eixos:

I - acesso a áreas naturais saudáveis e ecologicamente equilibradas;

II - convivência e promoção do desenvolvimento de vínculo socioafetivo com a Natureza;

III - brincar livre e aprender com e na Natureza;

IV - dever compartilhado de defesa, conservação e regeneração da Natureza;

V - adaptação e mitigação climática;

VI - garantia de benefícios ambientais e gestão adequada da água, ar, solo e resíduos;

VII - papel do sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente, com participação de crianças e adolescentes.

Parágrafo único. A Política Nacional Integrada do direito de crianças e adolescentes à Natureza compreende ações conjuntas, integradas e multissetoriais para a garantia, proteção e promoção com absoluta prioridade do direito de crianças e adolescentes à Natureza.



Art. 36. A Política Nacional Integrada dos direitos de crianças e adolescentes à Natureza abarca, necessariamente, componentes de monitoramento, coleta sistemática de dados e avaliação dos elementos que constituem a oferta dos serviços de acesso equitativo, convivência e vínculo, e a defesa e conservação da Natureza.

Parágrafo único. As avaliações periódicas da implementação da Política a que se refere o *caput* devem ser realizadas pela União, em articulação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, em intervalos não superiores a três anos, com o objetivo de verificar o cumprimento das metas estabelecidas e elaborar recomendações para sua plena execução.

Art. 37. A coleta de dados deve ser realizada em observância ao disposto na Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD).

§ 1º Os dados coletados devem ser publicados em Relatório Anual do Direito de Crianças e Adolescentes à Natureza, em linguagem simples e acessível, devendo abarcar o seguinte conteúdo mínimo:

I - levantamento do estágio de implementação das políticas, planos e ações federal, estaduais, distrital e municipais referentes ao direito de crianças e adolescentes à Natureza;

II - número de crianças e adolescentes hospitalizados por problemas de saúde advindos da exposição a poluição do ar e contaminação por mercúrio;

III - número de instituições de educação básica que declararam inexistente o acesso ao saneamento básico;

IV - número de instituições de educação básica que declararam inexistente o acesso ao abastecimento de água;

V - taxa de mortalidade de crianças e adolescentes atribuída a fontes de água inadequadas, saneamento inadequado e falta de higiene;

VI - percentual de acesso a profissionais de saúde materno-infantil;



VII - percentual de famílias com crianças e adolescentes inscritas no Bolsa Família e Cadastro Único;

VIII - percentual da área de municípios que possuem atividades de mineração industrial e garimpo;

IX - percentual de crianças e adolescentes que vivem em condições inadequadas no entorno da moradia;

X - percentual de ocorrências relacionadas a enchentes por município em relação ao total nacional ou estadual;

XI - percentual de ocorrências relacionados a ondas de calor por município em relação ao total nacional ou estadual;

XII - percentual de crianças e adolescentes que vivem em áreas afetadas por eventos climáticos extremos;

XIII - razão entre a quantidade de agrotóxicos comercializada anualmente e área plantada;

XIV - percentual de lixões e aterros controlados (unidades) em relação ao total de unidades disponíveis para disposição final dos resíduos sólidos;

XV - percentual de crianças e adolescentes com esquema vacinal completo;

XVI - taxa de morbidade por asma e bronquite em crianças e adolescentes;

XVII - taxa de mortalidade de crianças e adolescentes por infecção das vias aéreas inferiores;

XVIII - taxa de morbidade de crianças e adolescentes por doenças das vias aéreas inferiores;

XIX - taxa de morbidade de crianças e adolescentes por otite média;

XX - taxa de mortalidade de crianças e adolescentes por doenças infecciosas intestinais;



XXI - taxa de morbidade de crianças e adolescentes por parasitoses e helmintíases;

XXII - taxa de morbidade de crianças e adolescentes por hepatite A;

XXIII - taxa de recém-nascidos com malformação congênita neurológica;

XXIV - taxa de nascimentos prematuros por município;

XXV - taxa de mortalidade de crianças e adolescentes por leucemia;

XXVI - taxa de morbidade de crianças e adolescentes por leucemia;

XXVII - percentual de dengue em menores de 19 anos;

XXVIII - taxa de mortalidade por dengue de crianças e adolescentes;

XXIX - percentual de malária em menores de 19 anos;

XXX - taxa de mortalidade por malária em crianças menores de 5 anos;

XXXI – taxa de mortalidade perinatal;

XXXII - prevalência de déficit de altura em menores de 5 anos;

XXXIII - proporção de nascidos vivos de baixo peso ao nascer;

XXXIV - taxa de mortalidade violenta de crianças e adolescentes;

XXXV - taxa de morbidade por violência interpessoal ou autoprovocada de crianças e adolescentes;

XXXVI - taxa de morbidade por queimaduras de crianças e adolescentes;

XXXVII - taxa de morbidade por intoxicações de crianças e adolescentes;



XXXVIII - percentual de internações por transtornos relacionados ao estresse e transtornos somatoformes (CID F40 a F48), por município de residência entre menores de um ano até dezenove anos, em relação ao total da população;

XXXIX - percentual de peso elevado para a idade em menores de dezoito anos;

XL - número de notificações de intoxicação exógena por agrotóxico de crianças e adolescentes;

XLI - percentual de anemia em crianças e adolescentes;

XLII - áreas de Florestas Públicas com espaços destinados a crianças e adolescentes;

XLIII - áreas cadastradas no Cadastro Ambiental Urbano destinadas a crianças e adolescentes;

XLIV - quantidade de creches e escolas com pátios descobertos e áreas verdes;

XLV - quantidade de creches e escolas em áreas de risco ambiental;

XLVI - indicadores de monitoramento de saúde ambiental infantil;

XLVII - gastos anuais do Governo Federal com saúde ambiental destinados para crianças e adolescentes.

§ 2º O Relatório será amplamente divulgado.

Capítulo VIII

Disposições finais

Art. 38. A Política Nacional Integrada do direito de crianças e adolescentes à Natureza deve ser desenvolvida em até cento e vinte dias da publicação desta Lei.



Art. 39. O art. 2º da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art.

2º

.....

X - educação socioambiental e climática a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade e baseada na Natureza, objetivando ampliar o contato com áreas naturais, tornar as escolas resilientes ao clima e capacitar a comunidade para participação ativa na defesa do meio ambiente;

XI - acesso de crianças e adolescentes à Natureza e a um meio ambiente saudável.” (NR)

Art. 40. O art. 4º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à Natureza e à convivência familiar e comunitária.

.....” (NR)

Art. 41. O inciso I do art. 2º da Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 2º

I – garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, às áreas naturais, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações, com absoluta prioridade para crianças e adolescentes;

.....” (NR)

Art. 42. O inciso I do art. 3º da [Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009](#), passa a vigorar com a seguinte redação:



“Art. 3º.

I - todos têm o dever de atuar, em benefício das crianças e adolescentes com absoluta prioridade e das presentes e futuras gerações, para a redução dos impactos decorrentes das interferências antrópicas sobre o sistema climático;

.....” (NR)

Art. 43. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma a cada quatro mortes de crianças está associada a riscos ambientais. De acordo com o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, na sigla em inglês), metade da população mundial de crianças e adolescentes está exposta a riscos climáticos de alta intensidade, sendo cerca de 40 milhões no Brasil. Crianças e adolescentes são particularmente vulneráveis aos riscos ambientais e climáticos, como secas, inundações, ondas de calor, poluição do ar e da água, falta de saneamento e contato com substâncias tóxicas, uma vez que esses impactos trazem prejuízos diretos ao seu desenvolvimento integral e à garantia de diversos direitos, desde a saúde à educação.

No processo de crescimento, crianças e adolescentes respiram mais ar, consomem mais alimentos e bebem mais água proporcionalmente em relação aos adultos, sendo mais prejudicadas no caso de contaminação e poluentes. Todos os seus sistemas - nervoso central, imunológico, reprodutor e digestivo - também estão em desenvolvimento, e o contato com elementos tóxicos podem levar a prejuízos irreversíveis nesses sistemas. Crianças também têm menos capacidade de resposta a eventos climáticos extremos e riscos ambientais, bem como de decisões para proteger a sua saúde.

Por outro lado, o contato com a Natureza é fundamental para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, contribuindo para a construção de uma consciência ambiental e climática, promovendo a saúde



física e mental, bem como habilidades cognitivas, físicas e sociais. No entanto, com 84% da população brasileira vivendo em zonas urbanas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), observa-se um distanciamento cada vez maior entre as crianças e a Natureza e a presença constante de telas e dispositivos eletrônicos no seu dia a dia, o que acarreta em prejuízos significativos nessa importante etapa da vida. A esse fenômeno cunhou-se o termo de Transtorno de Déficit de Natureza, de autoria do jornalista, especialista em advocacy pela infância, cofundador do Children & Nature Network e autor do livro *A Última Criança na Natureza*, Richard Louv.

Segundo o manual de orientação “Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes”, desenvolvido pela Sociedade Brasileira de Pediatria, diversas pesquisas têm demonstrado que o convívio com a Natureza na infância e na adolescência trazem benefícios: “melhora o controle de doenças crônicas como diabetes, asma, obesidade, entre outras, diminui o risco de dependência ao álcool e a outras drogas, favorece o desenvolvimento neuropsicomotor e reduz os problemas de comportamento, além de proporcionar bem-estar mental, equilibrar os níveis de vitamina D e diminuir o número de visitas ao médico. O contato com a Natureza ajuda também a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento de múltiplas linguagens e a melhora da coordenação psicomotora. Há também os benefícios mais ligados ao campo da ética e da sensibilidade, como encantamento, empatia, humildade e senso de pertencimento.” Os benefícios do acesso à Natureza e a um ambiente saudável e ecologicamente equilibrado para o desenvolvimento de crianças e adolescentes são comprovados através de evidências científicas e demandam, portanto, políticas e medidas específicas.

A Constituição Federal de 1988 dedica os artigos 225 e 227 para tratar sobre a proteção ambiental e a prioridade absoluta dos direitos de crianças e adolescentes, respectivamente. O artigo 225 afirma que todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, sendo dever do poder público e da coletividade conservá-lo para as presentes e futuras gerações. Já o artigo 227 reforça a prioridade absoluta que deve ser dada na proteção



integral às crianças e adolescentes, considerando-os sujeitos de direitos e protegendo-os de quaisquer formas de violação, sendo essa uma responsabilidade compartilhada entre as famílias, a sociedade, o que inclui as empresas, e o poder público.

O princípio constitucional da precaução revela bem essa responsabilidade para com as futuras gerações e nos coloca como guardiões do tempo e das vidas futuras. A dimensão intergeracional do princípio da solidariedade aponta também para um complexo de responsabilidades e deveres das gerações contemporâneas em resguardar condições existenciais para as pessoas que virão a habitar o planeta, devendo-se voltar o olhar para o futuro da humanidade. E a qualidade ambiental em sentido amplo é um dos principais fatores que determinam a sobrevivência das crianças nos primeiros anos de vida, e influencia fortemente o seu desenvolvimento físico e mental. Em outras palavras, visamos o reconhecimento do direito de crianças e adolescentes de “ter futuro no presente”.

O Supremo Tribunal Federal (STF) também reconheceu os deveres de natureza constitucional em relação ao direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. A Exma. Ministra Rosa Weber, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 6148, sobre padrões de controle da qualidade do ar, declarou: “a efetiva proteção do meio ambiente assegura ao ser humano das presentes e futuras gerações uma existência digna: a preservação do meio ambiente é indissociável da própria defesa dos direitos humanos”. Também em outras oportunidades, como no âmbito da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 760 e da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 59, a Suprema Corte determinou medidas de conservação ambiental, consolidando uma firme interpretação constitucional acerca das obrigações do poder público na defesa do meio ambiente e dos direitos humanos.

Em setembro de 2023, ocorreu o lançamento do Comentário Geral Nº 26, documento que trata sobre os Direitos das Crianças ao Meio Ambiente com foco nas Mudanças Climáticas dentro da Convenção dos Direitos das Crianças e Adolescentes da ONU. Ao organizar diretrizes e elaborar recomendações, o documento orienta governos, empresas, sociedade



civil e o sistema de justiça para atuar na proteção dos direitos de crianças e adolescentes. Mais de 16 mil crianças e adolescentes de diferentes regiões do mundo contribuíram com a construção do documento por meio de consultas públicas.¹

Dessa forma, observamos uma lacuna legal no Brasil de políticas ambientais voltadas à infância e adolescência que respondam às crises socioambientais e ao déficit de natureza. A implementação desta lei proporcionará às crianças e adolescentes o direito ao acesso a áreas verdes e um meio ambiente saudável, levando em consideração as leis já existentes sobre infância, meio ambiente e clima no Brasil. Isso contribuirá para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a preservação do meio ambiente e com o enfrentamento das mudanças climáticas.

O poder público, em conjunto com a sociedade e as famílias, deve promover ações de conscientização sobre a importância do contato com a Natureza para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, além de destinar recursos financeiros e administrativos necessários para a efetiva implementação desta lei, considerando que a absoluta prioridade dos seus direitos inclui a primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; a precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; a preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas e a destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude, conforme o parágrafo único do art. 4º da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

É importante destacar que crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais, cuja identidade cultural está profundamente relacionada à Natureza, têm suas culturas e modos de viver ameaçados pelos riscos e danos das crises socioambientais e climáticas, acrescentado o impacto de grandes obras e empreendimentos, como construção de rodovias, ferrovias e usinas hidrelétricas. De acordo com levantamento realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA), dois terços, cerca de 599 territórios indígenas brasileiros estão ameaçados por obras públicas de âmbito federal. Diante desse cenário,

¹ Disponível em: <https://childrightsenvironment.org/>



medidas específicas voltadas à essa parcela da população precisam ser adotadas e monitoradas.

Outro aspecto relevante discutido no teor desta lei é o reconhecimento do direito ao brincar, que está presente em diversos documentos legais, nacionais e internacionais. A Declaração Universal dos Direitos da Criança prevê em seu princípio VII, que “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito”. No Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, no artigo 16, prevê-se o direito à liberdade compreendida em diferentes aspectos, dentre eles no inciso IV “brincar, praticar esportes e divertir-se”. Outros documentos legais, como o Plano Nacional da Primeira Infância e o Marco Legal da Primeira Infância tratam especificamente de bebês e crianças de zero a seis anos, e trazem contribuição no âmbito da efetivação do direito ao brincar para esse público. No âmbito da educação, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), entre outros. Reconhecendo a necessidade de conscientizar a todos sobre a importância do brincar, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) estabeleceu, em 1999, o dia 28 de maio como o Dia Internacional do Brincar.

De modo a auxiliar a construção desta proposição legislativa e legitimar o protagonismo de crianças e adolescentes, foram realizadas atividades de escuta com 57 crianças e adolescentes, entre 6 e 17 anos, de quatro municípios brasileiros, contemplando quatro das cinco regiões do país: Benevides (PA), João Pessoa (PB), Jundiá (SP) e Pelotas (RS). Em relação aos perfis dos que participaram: 56,4% são meninas; 9,1% são crianças e adolescentes com deficiências (autistas e pessoas com baixa visão); 52,8% se identificam como pretas ou pardas; 87,3% estudam em escolas públicas e cerca de 40% das famílias dessas crianças e adolescentes são beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Foi pedido às crianças que construíssem um mapa com um caminho entre a casa e a escola e aos adolescentes que fizessem um desenho delas e deles na Natureza, em um ambiente onde gostam de estar. Aos



adolescentes, também foi apresentada uma proposta de possíveis temas de um Projeto de Lei que falasse sobre uma política ambiental e para as infâncias e adolescências. Após isso, a conversa foi pautada no que deveria ser garantido como direito a toda criança e adolescente, se tratando de Natureza e de uma vida saudável.

Entre os resultados das atividades, do grupo total, 33 responderam que possuem mais contato com a Natureza dentro de casa e apenas 5 responderam que este contato se dá na floresta. Quando perguntadas sobre onde seria possível ter mais Natureza considerando casas, escolas, parques, ruas e etc, houve empate de 16 respostas que indicaram que gostariam de ter mais Natureza em suas escolas e também nas ruas. Perguntadas sobre a frequência de algumas atividades pré-elencadas que essas crianças e adolescentes realizam, os principais resultados foram: assistir televisão foi disparadamente a atividade mais realizada pelas crianças e adolescentes. Na sequência aparece andar de bicicleta e ficar no celular. Em contrapartida, nadar na cachoeira e realizar trilhas na floresta dispararam com respostas de atividades que elas nunca fizeram. Outro dado que aparece entre os adolescentes quilombolas escutados é que celulares, jogos eletrônicos e tarefas domésticas são suas principais “brincadeiras do dia-a-dia”.

Os mapas desenhados foram analisados de acordo com a incidência de desenhos simbólicos (árvores, casa, escola, rua, sol etc.) e também de acordo com a proporção desses símbolos no contexto geral da ilustração. Ao somarmos os mapeamentos feitos em Jundiá e Pelotas, por exemplo, percebemos que as escolas (13,8%), as ruas (12,3%), as árvores (10,8%) e as casas (8,7%) foram os símbolos mais representados pelas crianças.

Quanto ao tema do meio ambiente, de maneira geral, as crianças salientaram a importância da consciência sobre o descarte correto e coleta de lixo, relacionando com o impacto sobre a prevenção de doenças. Mencionaram também a necessidade de arborização e o desejo de contato com a Natureza, especialmente com a presença de plantas, flores e animais nas ruas por onde transitam. Mencionaram a necessidade de infraestrutura adequada, como pavimentação, iluminação, lixeiras e brinquedos nas praças.



A oficina realizada em João Pessoa (PB) demonstrou por parte dos adolescentes a necessidade latente de uma escuta ampla e contínua, capaz de abarcar múltiplos pontos para além daqueles abordados durante a oficina. Isso foi percebido também por terem exposto muitos temas que atravessam a temática ambiental, como o machismo, o racismo, a intolerância religiosa, a homofobia, o assédio, a precariedade da estrutura física, entre outros pontos muito preocupantes. O crescimento imobiliário foi apontado como central na perda de biodiversidade. Vários participantes resgataram memórias de brincadeiras na Natureza que não podem mais acontecer por conta da privatização de áreas e aumento do desmatamento para o crescimento urbano.

Escolas, ruas e árvores são palavras, desenhos e símbolos que apareceram unanimemente em todas as escutas e que nos colocam para refletir sobre como estão os caminhos que crianças e adolescentes percorrem todos os dias pelo Brasil. A contribuição de algumas dessas crianças pode ser observada a seguir:

Ante o exposto, esperamos contar com o apoio dos nobres pares para a aprovação do projeto de lei que ora apresento, com vistas a garantir às crianças e adolescentes o direito à Natureza e à herança ambiental saudável e sustentável.

Sala das Sessões, em 06 de junho de 2024.



Deputada Federal LAURA CARNEIRO

2024-7879

